

Inicialmente, eu gostaria de esclarecer brevemente o que entendo por valores. Com esse conceito, indico normas e aspirações que orientam o comportamento de grupos sociais tanto no que diz respeito à satisfação quanto à definição das suas necessidades materiais e culturais. Daí que, nesse sentido, valores não são uma questão de preferência pessoal, mas sim expressão das exigências de dadas relações de produção e estruturas de consumo. Mesmo assim, e isto é o decisivo, valores são simultaneamente a expressão de possibilidades inerentes à produtividade de uma determinada sociedade, ainda que estejam reprimidas justamente por essa produtividade. Deixem-me mencionar alguns conhecidos exemplos do duplo caráter dos valores, que consiste em que, por um lado, eles estão inseridos em um determinado sistema social e, por outro, eles o transcendem na medida em que indicam para possibilidades que são negadas pelo próprio sistema. O casamento, por exemplo, é um valor na sociedade feudal no qual se expressa a estrutura fundamental do feudalismo. Esse valor corresponde às exigências de uma hierarquia que repousa sobre relações pessoais de dominação e dependência, cuja garantia não é dada apenas pela violência, mas também pela santidade de contratos. O valor da lealdade, que levantava em seu escudo a opressão e a desigualdade de uma sociedade específica, foi idealizado e sublimado nas grandes cortes épicas e nos romances em verso, assim como nas cerimônias das cortes daqueles tempos. Mesmo assim, figuras como Tristão ou Percival são mais do que apenas cavaleiros e vassalos feudais, pois seus ideais, aventuras e conflitos indicam para além da sociedade feudal. No interior da moldura feudal, encontramos possibilidades humanas universais, promessas, sofrimentos e vivências de felicidade que se estendem para além dessas molduras.

---

<sup>1</sup> Conferência proferida em 1972 na Universidade do Sul da Flórida, em Tampa, sob o título *A Revolution in Values*. Publicado pela primeira vez em 1973 (HMA, 468.01) no volume *Political Ideologies*, organizado por James A. Gould e Willis H. Truitt. A tradução atual foi feita a partir da versão em alemão: Marcuse, Herbert. *Eine Revolution der Werte*. In: Marcuse, Herbert. *Nachgelassene Schriften. Das Schicksal der bürgerlichen Demokratie*, organizada por Peter-Erwin Jansen e traduzida do inglês para o alemão por Michael Haupt. Lüneburg: Zu Klampen, 1999, p. 135-144.

<sup>2</sup> Docente de Filosofia da UNIOESTE (Universidade Estadual do Oeste do Paraná) e bolsista de produtividade do CNPq.

Algo semelhante acontece com valores como a liberdade e a igualdade. Eles são, primeiramente, expressão do modo de produção capitalista: a livre concorrência entre indivíduos relativamente iguais, do trabalho assalariado livre, da troca de equivalentes independente de raça, *status*, etc. Simultaneamente, no entanto, esses valores apontam para formas melhores de socialização humana, possibilidades que, no entanto, ainda esperam pela realização. A mesma ambivalência encontramos em um outro valor, característico da época moderna, a dizer: a representação do trabalho enquanto missão e vocação. Nós precisamos trabalhar assim que nos tornamos adultos; essa é uma necessidade – na maior parte, desagradável – da vida. Ainda assim, ou talvez justamente por isso, afirma-se que o trabalho é uma missão do ser humano santificada pela religião. No entanto, para a grande maioria da população o trabalho sempre foi uma atividade desumanizante, tediosa e alienada; ou seja, uma atividade na qual o ser humano não pode desenvolver e exercer de modo satisfatório suas habilidades e capacidades individuais. Simultaneamente, porém, a representação de trabalho, enquanto missão e vocação, aponta para uma posição totalmente outra do trabalho na vida, a dizer, a autorrealização do ser humano em atividade criativa.

Depois dessas definições provisórias e bastante genéricas, eu gostaria de discutir dois aspectos principais do meu tema. Em primeiro lugar, o papel dos valores na transformação social e, em segundo, a atual revolução dos valores enquanto uma transformação histórica sem precedentes. Primeiramente, deixem-me esclarecer, com base na teoria marxiana, como acontece a mudança de valores. Novos valores socialmente eficazes substituem os estabelecidos quando e na medida em que expressam os interesses de uma classe emergente e em ascensão na sua luta contra a classe dominante. Os novos valores articulam os interesses específicos de classe numa forma geral, na medida em que, simultaneamente, apresentam o interesse de classe enquanto interesse universal. Desse modo, os interesses específicos de uma classe adquirem a forma de uma verdade universal. Nisso consiste o caráter ideológico dos valores. Eles são ideológicos quando neles não se reflete o fato de que eles só valem de forma limitada, ou de que são até mesmo negados na realidade social efetiva. Na sociedade capitalista, a liberdade e a igualdade permanecem abstratas e parciais, sendo privilégio de uma minoria. Mas essa ideologia se torna violência material no processo de transformação assim que ela suscita

um agir político massivo que se direciona para a realização completa dos valores desfigurados e negados.

A concepção marxiana, no entanto, de modo algum deve ser compreendida enquanto uma simples sequência cronológica, na qual a revolução dos valores apenas se realiza depois de uma inversão das relações de classe. A opinião de que os novos valores do socialismo apenas emergiriam a partir de novas instituições sociais e econômicas é vulgar, não é materialismo dialético. Ademais, a articulação de novos valores sociais quase sempre *precede* a institucionalização de novas relações de classe e de novos modos de produção. Não é difícil encontrar exemplos históricos para tanto. Aqui menciono apenas dois: o Iluminismo, que temporalmente precedeu a Revolução Francesa, e a própria teoria socialista. Essa situação lança uma luz sobre o papel da inteligência, sobre o qual ainda falarei mais tarde. Na transformação de valores, não é refletida apenas e simplesmente a estrutura social. Muito mais uma transformação radical dá expressão para possibilidades históricas radicalmente novas, para forças que ainda nem chegaram a se desdobrar no processo de transformação social. Uma revolução intelectual, ‘cultural’, precede a revolução social, a projeta primeiro, é seu catalisador.

A passagem de um determinado sistema de valores ou hierarquia de valores para outro/a transcorre dialeticamente. Assim, a ideologia burguesa removeu relações contratuais feudais na medida em que os generalizou enquanto ideia do contrato social. O contrato social vale para submeter todos os integrantes da sociedade, ainda que de modos diferenciados, às leis sobrepostas da economia de troca. De forma semelhante, para levar o trabalho à sua verdadeira vocação, o socialismo precisa remover as estruturas abstratas e exploradoras que atuam por detrás da ideologia burguesa da liberdade e da igualdade, a dizer: a autorrealização do indivíduo em uma associação de seres humanos livres. A tradução da ideologia em realidade precisaria acontecer no agir revolucionário. Como essa concepção se deixa aplicar na situação atual nos países capitalistas desenvolvidos?

A transformação dos valores em curso por meio da atual revolução cultural (e eu falo aqui apenas das relações ocidentais) visa à totalidade da cultura estabelecida em suas manifestações materiais e espirituais. O ataque ao conjunto do sistema de valores a ser

superado culmina na rejeição do princípio de desempenho<sup>3</sup>. Conforme esse princípio, cada qual precisa ganhar a vida mediante serviços alienados, mas socialmente necessários. Salário e *status* social (a relação entre trabalho e renda) são determinados através desses desempenhos. Junto com o princípio de desempenho também é rejeitado um conceito de progresso que até agora determinou o desenvolvimento da civilização ocidental. Progresso foi e é compreendido enquanto exploração e dominação cada vez mais produtivas da natureza humana interna e externa, um processo que tem se revelando como domínio e destruição crescentes. É de se observar que a recusa do princípio de desempenho não se direciona apenas ao centro da sociedade capitalista, mas a toda e qualquer sociedade onde é mantida a submissão dos seres humanos aos seus meios de produção. A revolução cultural quer quebrar o domínio do princípio de desempenho e, em seu lugar, pôr liberdade e solidariedade enquanto preferências da existência humana. Ela exige a abolição de uma sociedade onde a grande maioria de seus integrantes é amaldiçoada a reduzir sua vida a um meio para a conquista do pão, ao invés de entendê-la como fim em si mesmo.

Aqui, contudo, precisa-se alertar sobre representações românticas falsas. A alienação não se deixa superar ou abolir completamente. O materialismo dialético sabe da objetividade da natureza, da matéria, da implacável luta do ser humano com a natureza que lhe está contraposta. Por meio dela, em qualquer forma de sociedade, sua liberdade é limitada. Não se trata da abolição da alienação propriamente dita, mas da abolição daquilo que eu chamaria de alienação excedente – aquela exigida pela sociedade atual com o interesse de manutenção e expansão do *status quo*. Essa alienação excedente foi o chão onde pôde prosperar o progresso quantitativo. Ela sustentou a divisão entre trabalho espiritual e corporal, assim como a demanda sempre crescente por um trabalho opressor, desumanizador, parasitário e destrutivo: ela desperdiçou e poluiu os recursos de origem técnica, natural e humana. O progresso quantitativo poderia e deveria se converter em qualitativo, em uma nova forma de vida que poderia liberar as possibilidades do humano

---

<sup>3</sup> Segundo Marcuse, o *Princípio de desempenho* seria “a forma histórica [atualmente] predominante do princípio de realidade”, por isso defende que “[...] é preciso que um princípio de realidade qualitativamente diferente substitua o princípio de realidade repressivo, trazendo consigo uma mudança radical no plano psíquico, assim como no próprio plano histórico-social”. Para mais informações e referências, conferir “Por um outro princípio de realidade: novos lugares e motivos sociais da negação segundo Herbert Marcuse”. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v27n53a2013-p699a718>, acesso em: 25.03.2022. (N.T.)

e da natureza por meio da negação do sistema de exploração instituído e seus valores. Essa transformação dos valores não apenas desvalorizaria as instituições políticas e econômicas existentes, mas também produziria uma nova moralidade, novos relacionamentos entre os gêneros e gerações, uma nova relação entre seres humanos e natureza.

Sua ampla abrangência e sua radicalidade fornecem uma força totalmente nova para essas tendências no estágio atual do desenvolvimento capitalista. Em todas as revoluções dos valores até o presente, esses requisitos permaneceram amplamente abstratos e marginais; eles permaneceram 'acima' da opressão garantida por uma ordem social e instintivamente vinculada e que, de fato, era em si racional e legítima enquanto continuava desenvolvendo as forças produtivas. Atualmente, no entanto, essa forma de organização da sociedade não só se tornou incompatível com a continuidade do progresso, mas também com a própria sobrevivência da humanidade. Daí que a atual revolução dos valores não acompanha mais o progresso quantitativo, mas é forçada a quebrar sua continuidade. Ela é um *salto qualitativo* em direção à possibilidade de uma forma de vida diferente segundo sua essência.

Aqui eu gostaria apenas de mencionar os principais aspectos dessa ruptura com o *continuum* existente até o presente e da sua superação. Base e objetivo ainda seriam sempre a passagem de um crescimento forçado da produtividade para uma produção coletivamente controlada e que esteja a serviço de necessidades individuais que tenham sido livremente desenvolvidas: socialismo. A isto pertence a passagem de valores utilitaristas para valores estéticos: o surgimento de uma nova sensibilidade, novas formas de percepção e experiências. Valores estéticos não são de *per se* nem exploradores nem repressivos; razão pela qual sua articulação em movimentos políticos radicais indica que também nos fundamentos instintivamente vinculados da civilização uma mudança é iminente. Em último caso, essa tendência iria oferecer resistência à civilização masculino-agressiva patriarcal e, com isso, submeter as energias agressivas às energias eróticas, aos instintos de vida. O levante contra os valores dominantes de masculinidade, heroísmo e poder concentrado se amplia e suscita a imagem de uma sociedade que poderia conduzir ao fim da violência.

Essa é a profunda dimensão histórica e psicológica do movimento de mulheres, o qual parece ainda não estar consciente do seu verdadeiro potencial subversivo e radical. De fato, ele poderia pôr em movimento uma transformação decisiva de toda a cultura material e espiritual, aplacar a repressão e gerar os fundamentos psicológicos e instintivos para um princípio de realidade menos agressivo.

O surgimento de valores novos e radicais vai para além de uma revolução ideológica, rumando para uma força material, a qual, criada pela própria dinâmica da sociedade capitalista mais desenvolvida, anuncia o enfraquecimento interno, senão a desintegração, dessa sociedade. Essa revolução ideológica, que é tudo menos uma inversão dos valores, reflete um novo estágio histórico do desenvolvimento social: agora a sociedade pode satisfazer as necessidades fundamentais da maioria de seus integrantes. Mesmo assim, a opressão e a miséria são mantidas tanto no próprio país quanto no estrangeiro. Essa sociedade precisa, obedecendo à pressão pela ampliação da acumulação do capital, criar e estimular continuamente necessidades que vão para além das necessidades de subsistência: cultura e luxo. Com isso, no entanto, ela destitui a legitimidade da constante opressão lucrativa. O grau de produtividade do trabalho atingido até aqui reduziria o tempo de trabalho necessário para a reprodução social a um mínimo e, assim, seria possível eliminar a necessidade de trabalho alienado em tempo integral. Justamente isso, no entanto, forma o fundamento do sistema. Ele é minado pela contínua produção de bens e serviços supérfluos à subsistência. Atualmente o trabalho, enquanto objetivo vital de uma forma de existência, está se tornando explicitamente cada vez mais improdutivo, obsoleto e irracional – racional ele apenas ainda é para a manutenção do *status quo*. Sob essas condições se tornam mais perceptíveis exigências que indicam para uma organização e divisão social do trabalho radicalmente diferentes e para a eliminação da relação entre trabalho e renda. Assim se desenvolvem anseios de liberdade ‘transcendentes’, os quais não podem ser satisfeitos por instituições que repousam enquadradas no domínio do princípio de desempenho.

Em conformidade com esse estágio de desenvolvimento, gradualmente vão se constituindo novos padrões de transformação social: agora parece ser possível uma revolução que retire sua força das necessidades básicas satisfeitas e de necessidades transcendentais não satisfeitas. Seria uma revolução que levaria em conta a necessidade vitalmente necessária da autodeterminação, a necessidade de alegria e, com isso, de não

ser mais instrumento do aparato onipresente. E isso não corresponde simplesmente ao padrão conhecido de demandas crescentes e ao desejo de obter uma fatia maior do ‘bolo’ disponível, mas é a consciência de objetivos que soterram a hierarquia e os valores estabelecidos e busquem uma nova racionalidade, uma nova sensibilidade e uma nova moralidade.

De que forma essa revolução dos valores hoje se expressa enquanto força material, enquanto fermento social radical? Aqui eu só posso indicar para os sinais mais explícitos desse processo. Em primeiro lugar, neste país, o que está em questão é uma forma de keynesianismo excessivo. Max Weber visualizou a essência do capitalismo em seu ‘ascetismo intramundano’, no impulso de poupar continuamente para investir novamente, a fim de obter cada vez mais lucro e de ainda ver a ‘vocação’ do ser humano mesmo no trabalho mais simples e desumano. Hoje nós estamos vivenciando a negação desse princípio. Se quer gastar dinheiro e há revolta contra a supremacia dos valores da produção; disciplina do trabalho e sentimento de responsabilidade estão sendo enfraquecidos, a necessidade de uma alienação vitalícia está sendo questionada.

Em segundo lugar e em conexão com a tendência acima indicada, pode-se perceber uma consistente decadência do próprio mundo das mercadorias. A qualidade dos produtos e serviços está diminuindo e o processo produtivo sempre de novo está sendo perturbado de modos cada vez mais ‘anormais’: por greves selvagens que, por vezes, se voltam contra a totalidade da organização do trabalho e não simplesmente por salários mais altos e melhores condições de trabalho, pelo ‘gasear’ constante e pela sabotagem, todos sendo cometidos tanto por indivíduos quanto por grupos. Nesse clima generalizado, o movimento ecológico articula a necessidade de uma nova relação entre seres humanos e natureza, na qual a natureza seja compreendida enquanto entorno vital dos seres humanos. Se esse movimento se fortalecer, poderá se tornar uma força política que se volte contra aquelas instituições às quais deve ser atribuída a poluição do meio ambiente.

Tudo isso é sustentado por uma consciência e um sentimento de que se pode viver como ser humano sem participar da luta concorrencial, sem realizar trabalhos indignos, sem uma influência repressiva e destrutiva da ‘sociedade de consumo’. Tendo em vista as estruturas e a organização do capitalismo avançado, entretanto, não é de se admirar que os novos valores não sejam defendidos por uma classe emergente em luta contra a



classe dominante, pois eles não expressam o interesse direto de uma determinada classe. No estágio atual, eles são defendidos por grupos não integrados, encontráveis entre jovens, mulheres, populações negras, jovens trabalhadores e intelectuais.

São minorias que, de fato, não representam nenhum agrupamento revolucionário nem podem substituir a classe trabalhadora enquanto fundamento de uma transformação social radical. Hoje, porém, elas são os únicos catalisadores de transformação social e articulam necessidades que, na realidade, são os da ampla maioria da população. Por isso, se a classe trabalhadora se tornar a portadora da revolução, ela será uma classe diferente, na qual os clássicos trabalhadores de linha de montagem estarão representados apenas como minorias, enquanto as classes médias e intelectuais terão um papel consideravelmente maior.

Essa perspectiva indica para o significado de escolas superiores e universidades no processo de transformação social. Os estudantes são tudo menos uma elite privilegiada sem base material, eles são, muito mais, os potenciais quadros (*cadres*) tanto da sociedade atual quanto da futura. A construção de uma sociedade livre, a eliminação mundial da fome, a redução do trabalho necessário, mas desumano, a um mínimo temporal, a reconstrução das cidades, a renaturalização de regiões rurais, o combate a doenças e o controle da taxa de natalidade – todas essas tarefas exigem uma alta medida de progresso científico, o qual também precisa se estender para as ciências humanas e sociais! A progressiva eliminação da violência e a emancipação dos sentidos não levam a uma despedida da razão (*Vernunft*) e da racionalidade (*Rationalität*), mas exigem, antes, uma racionalidade nova e mais racional, uma razão nova e com mais razoabilidade, que estejam em condições de também organizar e desenvolver objetivos não instrumentais, não utilitaristas e não repressivos. Inclusive, aqui impõe-se a questão de se na própria estrutura da ciência e da tecnologia já não está sedimentado um excesso de agressividade e violência, que é, simultaneamente, reflexo e estímulo para a apropriação de ciência e tecnologia por forças sociais destrutivas? Podemos especular, de modo razoável, por uma mudança não apenas da ciência, mas também em relação à sua orientação e método? Uma mudança que talvez possa vir à tona por meio de uma experiência totalmente diferente de natureza e de uma nova relação entre ser humano e natureza? O surgimento de valores estéticos não violentos e não agressivos ao menos faz surgir no horizonte a possibilidade de uma outra formação de conceitos científicos e de uma outra estrutura das abstrações



científicas e, assim, nós podemos ter a noção de uma ciência mais concreta e sensivelmente orientada. Uma ciência e uma técnica qualitativamente orientadas, às quais também pertença uma ciência da imaginação enquanto bem criativo do ser humano.

Uma breve observação para finalizar. As tendências que aqui esbocei inserem os próprios impulsos fundamentais nos processos de transformação: os sentidos, a consciência e os corpos de homens e mulheres ampliam as possibilidades de ação em vistas da revolução potencial.